



INTERDISCIPLINARIDADE: UMA PRÁTICA PARA A COMPREENSÃO DA QUESTÃO INDÍGENA

Iára Leme Russo Cury
iara.cury@ifsp.edu.br¹

Maria Isabel d'Andrade S. Moniz
isabel.moniz@ifsp.edu.br²

José Gilberto de Souza
jgilbert.unesp.rc³

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão a respeito da interdisciplinaridade como estratégia pedagógica para promover aprendizagens de estudantes de Ensino Médio a respeito da questão indígena no Brasil. É um relato das práticas desenvolvidas por professores do IFSP (Campus Bragança Paulista) com alunos do Ensino Médio Integrado no primeiro semestre de 2018. No texto, apresentamos a forma como praticamos a interdisciplinaridade em Geografia, Artes⁴, Língua Portuguesa e as atividades desenvolvidas durante a III Semana da Diversidade, onde a questão indígena foi abordada com múltiplas abordagens sobre identidade, cultura e território com a participação de professores universitários, pesquisadores, lideranças indígenas e grupos artísticos.

Palavras-chave: integração, prática pedagógica, aprendizagem.

Introdução

O que inspira professores a escreverem sobre suas práticas para Encontros, Seminários e outros meios de divulgação? No momento em que fazemos este questionamento, não é a resposta imediata que traduz toda a grandeza da prática docente. O sentimento latente da necessidade de escrever sobre o que desenvolvemos com alunos é algo que somente pode ser compreendido ao longo do texto quando com as palavras, apesar do reducionismo, representamos aquilo que sentimos no corpo, nas emoções e nas interações que resultam das vivências no cotidiano escolar.

¹ Profª Drª. IFSP BRA componente Geografia

² Profª Drª. IFSP BRA componente Língua Portuguesa

³ Prof. Dr. Unesp (Campus Rio Claro) – Departamento de Geografia.

⁴ Prof. Drª Maria José do Nascimento (IFSP BRA) responsável pela disciplina de Arte com grande experiência em cultura indígena, multiculturalismo e criação artística. Integrante da equipe docente responsável pelo desenvolvimento das atividades interdisciplinares deste Relato.



Este relato decorre das experiências que vivenciamos no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Campus Bragança Paulista (IFSP BRA) com as práticas de interdisciplinaridade desenvolvidas para a temática “Questão indígena no Brasil” junto aos alunos de Ensino Médio Integrado dos cursos de Informática, Eletroeletrônica e Mecânica.

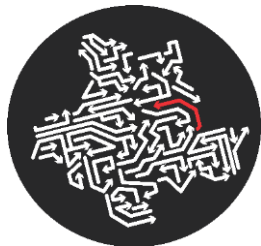
Pretendemos oferecer aos leitores uma reflexão sobre a interdisciplinaridade, inspirados essencialmente nos resultados apresentados pelos alunos, os quais reforçaram as questões teóricas que embasam os caminhos integração dos conteúdos como forma de desenvolver aprendizagens significativas.

Os resultados, ainda que fragmentados, constituíram grande motivador para este texto e compõem a narrativa de nossas experiências no sentido de traduzir a superação das dificuldades práticas quando pensamos em um currículo estruturado em grades disciplinares, sobretudo em cursos nos quais os estudantes têm uma carga horária semanal superior a 40 horas-aula. A superação dos limites estabelecidos entre os conteúdos das disciplinas, ao devolver o potencial do indivíduo (aluno) de ser um sujeito-efetivo, com a mesma intensidade o fez em nossas opções metodológicas no desenvolvimento dos conteúdos.

Concordando com Hartmann e Zimmermann (2006) de que colocar em prática a interdisciplinaridade não é tarefa fácil, acreditamos que ela capacita os estudantes para melhor comunicar-se, argumentar, enfrentar problemas de diferentes naturezas e posicionar-se de forma mais crítica em torno de questões abrangentes da atualidade. Por essa razão, a Questão Indígena no Brasil, tema central de nossas atividades nesta experiência, caracterizou-se como grande oportunidade de interdisciplinaridade a partir das intencionalidades docentes expressas em cada uma das disciplinas.

Alguns fragmentos teóricos

Contextualizando a temática indígena, desde a aprovação da Lei nº 11.645/2008, tem sido desafiador para as instituições trazer a história e a cultura desses povos para dentro dos estabelecimentos de ensino, pois tanto as contradições entre as comunidades indígenas e os sistemas de ensino e suas instituições formadoras, como ideias equivocadas sobre a implementação dos dispositivos dessa Lei, incorporados na redação da Lei nº 9.394/96 (LDB), não possibilitaram, até nossos dias, uma nova representação sobre a questão.



Os inúmeros debates sobre a necessidade de se repensar os processos relativos à formação de estudantes e de professores dessa temática diante de uma concepção mais alargada de cidadania, dada pelo reconhecimento da participação dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira, bem como de suas culturas e patrimônios, ficam distantes das práticas pouco inovadoras e abordagens isoladas que eventualmente são incluídas nas grades curriculares.

Segundo o parecer CNE/CEB 14/2015⁵ (2016), a Lei tem favorecido a compreensão de que é preciso construir representações sociais positivas, que valorizem as diferentes origens culturais da população brasileira como um valor e, ao mesmo tempo, crie um ambiente escolar que permita a manifestação criativa e transformadora da diversidade como forma de superar situações de preconceito e discriminações étnico-raciais. Ressalta que a correta inclusão da temática da história e da cultura dos povos indígenas na Educação Básica tem, assim, importantes repercussões pedagógicas na formação de professores e na produção de materiais didáticos e pedagógicos, os quais devem atribuir os devidos valores à história e culturas dos povos indígenas.

Entretanto, o próprio parecer destaca as dificuldades que os sistemas de ensino têm enfrentado, às vezes mesmo relegando a planos inferiores a importância da formação dos estudantes para a compreensão deste processo histórico, cristalizado nas representações sociais dos docentes que ao mesmo tempo não passam por processos de formação para a adoção de práticas pedagógicas alinhadas aos dizeres legais. Neste sentido, o Parecer enfatiza a necessidade de revisão metodológica no desenvolvimento das práticas para a questão indígena:

A inclusão da temática da história e da cultura dos povos indígenas implica em produzir um novo olhar sobre a pluralidade de experiências socioculturais presentes no Brasil, o que exige, em termos de metodologia de ensino, que essa temática seja trabalhada durante todo o período formativo do estudante, em diferentes disciplinas e com diferentes abordagens, sempre atualizadas e plurais, evitando que o tema fique restrito a datas comemorativas. (CNE/CEB, 2016).

⁵ Parecer Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). ASSUNTO: Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Publicado no Diário Oficial da União em 18/04/2016, Seção 1, página 43.



Tomando como referencial teórico Tardif (2002), para o qual: “os saberes disciplinares correspondem aos diversos campos de conhecimento sob a forma de disciplina - são saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária e incorporados na prática docente”, tomamos esta afirmação na reflexão sobre a questão indígena e o currículo na educação básica, buscando a interdisciplinaridade como forma de passagem para a construção de um conhecimento integrado, além de nossa formação acadêmica, incluindo os saberes docentes resultantes da atuação profissional.

Outro conceito, o de Representação Social, definido por Moscovici (2003), também foi utilizado de forma empírica por compreendermos que os saberes docentes são construídos ao longo da prática, como resultado de um conjunto de ideias socialmente partilhadas a respeito do que representam o currículo e a seleção dos conteúdos.

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

Não é fácil vencer as barreiras das disciplinas para desenvolver um trabalho interdisciplinar, mas ao identificarmos no contexto escolar situações (e/ou movimentos) que favorecem a socialização de saberes socialmente construídos, que resultam nas representações sociais dos professores, concretizam-se práticas que retroalimentam os novos saberes.

Os distintos percursos formativos dos professores, neste caso, não constituíram barreiras, mas, ao contrário, permitiram pensarmos coletivamente: como esses percursos incrivelmente complexos poderiam inspirar as práticas pedagógicas desenvolvidas com as turmas de Ensino Médio? A pergunta indicava a dificuldade em apontar caminhos certos em receitas pedagógicas, tanto para a Geografia, como para Artes, Língua Portuguesa e outros componentes, mas apontava na complexidade uma reflexão de percurso como a ação sobre si, de forma retrospectiva e construtiva. E foi a partir destes preceitos teóricos, mas focados na prática, que se desenvolveram as ações.



Sala dos professores (o diálogo)

Um dia letivo como outro qualquer, no horário do café, na rotina do cotidiano escolar:

Iara - Estou emocionada, passei um vídeo sobre a questão indígena e os alunos ficaram muito envolvidos.

Maria - Por quê?

Iara - Porque ao tratar o tema Suicídio em comunidades indígenas do MS os alunos sensibilizaram-se com a identidade na juventude. Isso teve um efeito sobre eles.

Zeze - Eu morei no Mato Grosso do Sul, e recordo-me como as crianças indígenas sofriam nas escolas com as comemorações distorcidas sobre o Dia do Índio.

Maria - Eu trabalho o Romantismo e a identidade indígena construída na Literatura... poderíamos fazer algo juntas....

Salas de Professores geralmente são associadas a lugares áridos, pouco criativos, carregados de representações que traduzem o grau de complexidade das atividades exercidas pelos professores: de um lado a extensa jornada de trabalho em sala de aula, de outro, modalidades de ensino distintas que apresentam particularidades específicas, representando o resultado de sucessivas políticas públicas, o que Vasconcellos (2011) chamou de "desmonte do professor" com clara interferência no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas:

Não desconsiderando o contexto apontado pelo autor na maioria das escolas brasileiras, optamos por iniciar o relato pela sala dos professores (o diálogo) reiterando a importância do convívio e da potencialidade que este território tem sobre a práxis docente. Efetivamente este território pode constituir-se de forma positiva ou negativa na prática docente, onde expressam-se as marcas de cada cultura escolar⁶.

Identificamos naquele instante que a ideia da interdisciplinaridade não era apenas a integração das disciplinas, como muitas vezes são propostas nos planos de ensino, mas sim o início de uma abordagem constituída por algo que nos tocava, em nossas representações.

⁶ Para aprofundamento do tema, indicamos o Artigo "A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira" (FARIA FILHO; GONÇALVES e VIDAL 2004). É uma importante referência para a compreensão do conceito por trazer em sua abordagem uma síntese das investigações que vêm sendo realizadas pelos pesquisadores para apreender como cultura escolar vem sendo apropriada pela área da História da Educação brasileira, apresentando também um vasto referencial de trabalhos e autores brasileiros, incluindo os desafios que precisam ser levados em conta para o prosseguimento das investigações e para o aprofundamento teórico-metodológico das pesquisas que utilizam este conceito em suas pesquisas.



Organizamos uma aula, com três turmas de Ensino Médio, para a qual convergiram as contribuições das três professoras e áreas envolvidas na atividade.

Em Literatura, os alunos haviam lido a obra *Iracema*, de José de Alencar, prevista como leitura obrigatória para o vestibular da Fuvest. Para além da necessidade de conhecer as obras a serem avaliadas nas questões dos vestibulares, a leitura de obras literárias, ao longo do Ensino Médio, representa uma oportunidade de aprender a situar-se num universo muito específico, contribuindo significativamente para a formação do cidadão e sua capacidade crítica. E foi na direção de uma formação para a cidadania que a proposta de trabalho interdisciplinar aqui relatada foi conduzida.

Ao longo das aulas, durante os estudos sobre a fase indianista do Romantismo destacava-se a idealização do indígena, ainda que José de Alencar buscasse utilizar vocabulário em língua tupi e apoiar-se em eventos históricos (BOSI, 2015). A literatura “embelezava” seus costumes, “emprestando-lhes comportamento requintado” (CÂNDIDO, 2015), associando-o, enfim, ao herói medieval europeu.

Para Cândido, o indianismo foi importante “histórica e psicologicamente, dando ao brasileiro a ilusão compensadora de um altivo passado fundador” (p. 50). Mas como era possível compreender essa “idealização” e qual era a realidade à qual ela se contrapunha? Nos diálogos com os alunos, ficava claro que eles pouco conheciam sobre a vida e os problemas dos indígenas brasileiros na atualidade. Uma atividade interdisciplinar surgiu como uma possibilidade de reunir outras contribuições e experiências para ampliar a compreensão sobre a complexidade da questão indígena.

A contribuição da área de Língua Portuguesa e Literatura para a atividade coletiva que se realizou no auditório da escola consistiu na leitura de um texto introdutório, que favorecesse esse contraste não só para os alunos do segundo ano do Ensino Médio, que já haviam estudado o Romantismo, mas principalmente para os do primeiro ano. O texto escolhido explicava que “a retratação do índio como autêntico representante do povo brasileiro é um tema constantemente revisitado na literatura” (ABAURRE, 2016). Está presente nas primeiras produções do período colonial, passando pela poesia e pelos romances românticos até chegar às obras modernistas, de caráter desmistificador, que desconstruem os mitos românticos. A temática é abordada também pelos autores contemporâneos, que



denunciam a dura realidade em que vivem os indígenas no Brasil. Para finalizar a provocação literária, foi lido um fragmento de *Quarup*, de Antonio Callado (2006).

Na sequência, a professora Maria José (Zezé) apresentou o relato da sua experiência em Dourados (MS) onde pôde conviver com os indígenas Guarani- Caiuá, como professora da Universidade Estadual desenvolvendo trabalhos artísticos com a comunidade local. Seu relato evidenciou que apesar das lideranças buscarem melhoria para a construção de uma nova imagem para a cultura indígena, a pressão do agronegócio e a desigualdade social desencadeavam problemas sociais gravíssimos com muitos reflexos para a aprendizagem das crianças. Destacou que em muitas instituições de ensino comemorava-se o dia do índio com cocar de cartolina, música da “Xuxa”⁷ e a figura do índio mimeografada ou fotocopiada para pintar, era uma prática pedagógica recorrente, o que contribuía ainda mais para a exclusão das crianças das aldeias matriculadas nas salas regulares de ensino da rede pública.

Outra grande dificuldade relatada foi o fato de que as escolas não possuíam professores que falassem os idiomas indígenas. Para ela, a escola reafirmava estereótipos de modelos sociais e desta forma, um ciclo de reprodução de desigualdade se constituía dentro das instituições de ensino, negligenciando as questões multiculturais e de identidade dos povos indígenas,

Em Geografia o tratamento temático foi iniciado com o vídeo “Suicídio e desespero entre indígenas do Brasil”⁸, quando foi possível apresentar aos alunos subsídios para a reflexão sobre a identidade dos povos indígenas, tomando como referência os conceitos de território e lugar. O objetivo foi refletir com os alunos a expansão do agronegócio no centro-oeste brasileiro e como as relações de produção afetavam as referências de afetividade dos indivíduos a partir do conceito de lugar e dimensão cultural.

Apresentando o tema suicídio entre os jovens indígenas no Mato Grosso do Sul, foi possível discutir a problemática da demarcação das terras indígenas e ampliar o conceito de território que já havia sido tratado nos textos teóricos. Os textos, o vídeo e os debates

⁷ Apresentadora de programa infantil e cantora de músicas desse universo, incluindo “Brincar de Índio”. A música, composta por Michael Sullivan e Paulo Massadas, uma das músicas mais famosas da carreira de Xuxa, publicada oficialmente em Julho de 1989 e teve versões em outros países latino-americanos e em Portugal.

⁸ Vídeo divulgado pela ONU Brasil, publicado em 18/01/2015 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ngUZ6_6xVXA (acessado em 02/04/2018).



contribuíram para outras representações dos alunos, trazendo para seu cotidiano a Geografia, conforme pode ser observado a seguir.

Corredores que falavam

Os dias que se seguiram à atividade interdisciplinar foram carregados de sentidos pedagógicos, porque tanto os comentários, como as frases e olhares dos alunos ao passarem por professores nos corredores, indicavam o quanto havia sido significativa a experiência. A prosopopeia neste caso reafirma a importância didática da interdisciplinaridade e as falas alimentaram nossos propósitos: “eu pensava que os índios eram felizes”; “eu não sabia que era assim”, “nunca havia pensado nisso antes...”, “precisamos fazer alguma coisa” e assim falavam aos professores.

Na aula de Língua Portuguesa do dia 18 de abril, portanto véspera do “dia do índio”, foi solicitada aos alunos a elaboração de uma redação a partir do tema “ser indígena no Brasil contemporâneo”. Alguns fragmentos dessas redações ajudam a reconhecer o olhar dos estudantes e os saberes por eles construídos a partir das situações que havíamos proposto até então:

Estudante 1: “Ser indígena no Brasil não é algo fácil e nem seguro, devido ao grande preconceito e à imagem criada quanto a eles, por conta de toda a exploração, sofrimento e violência a que foram e são submetidos há mais de 500 anos. [...] essa difícil associação muitas vezes vira tragédia, sendo os indígenas obrigados a se submeterem ou morrerem. Devido a tal condição, cada vez mais eles perdem sua identidade e cultura, e o povo brasileiro perde seu herói esquecido da época da literatura romântica”.

Estudante 2: “O índio sempre foi uma das “marcas” do Brasil, assim como carnaval, futebol, entre outros. Mas será que assim como o carnaval e o futebol o índio é valorizado entre os brasileiros? Na verdade, não. E não se trata só da desvalorização, mas também do desrespeito sofrido por eles. Ser indígena atualmente no Brasil está complicado, tanto pela dificuldade cultural, pela falta de conhecimento escolar, quanto pela falta de conhecimento dos seus direitos humanos e civis.”

Estudante 3: “Hoje em dia, mesmo sendo considerada Idade Contemporânea, esses povos são vistos como uma ameaça social, o que difere completamente do índio idealizado no Romantismo do século XIX. Dessa forma, os indígenas, chamados de “selvagens”, sofrem grande discriminação ao tentarem seguir suas ideologias, sendo obrigados a contar com a sorte para não serem assassinados ou têm que se submeter à sociedade atual e com isso devem deixar suas tradições no passado”.

Estudante 4: “Qual o intuito do ‘dia do índio’, se estes sequer foram devidamente inseridos na sociedade e a própria população não-indígena rejeita-os diariamente? As crianças indígenas não conseguem misturar-se nas



escolas (isso quando conseguem ir à escola) devido à falta de preparo das instituições para recebê-las e ensinarem-nas em sua língua (pois nem todos os índios falam português). Sem a escolaridade necessária, raramente eles conseguem emprego [...]. Muitas vezes são obrigados a pedir esmolas para a sobrevivência da própria família”.

Estudante 5: “[...] os brasileiros, com ajuda da mídia, mascaram todo esse conflito e os índios não têm toda a atenção necessária. Em raros momentos de revoltas indígenas, muitos são mortos, porém o índio é sempre culpado, tido como violento e selvagem. Sabe-se que eles são corajosos e unidos, e desejam reivindicar seus direitos. Para isso, seria necessário que, efetivamente, reservas indígenas fossem estabelecidas, que palestras de conscientização fossem realizadas e que a população se mobilizasse para aceitação do nosso povo nativo.

Estudante 6: “O termo ‘lugar’ significa pertencer e se sentir bem em determinada área, o que fica difícil para os índios, já que não pertencem mais a uma tribo e são rejeitados pela população urbana.”

Estudante 7: “Quando em Geografia estudamos o conceito de *lugar e não lugar*, percebemos que a apropriação não tira somente a terra do indígena, mas sim todo o sentimento de pertencimento e valores que aquele determinado espaço carrega consigo, levando muitas vezes ao suicídio por parte dos nativos, causado pelo sentimento de tristeza.”

Estudante 8: “Com a urbanização das áreas indígenas e com os latifundiários aumentando suas terras cada vez mais, as aldeias são mudadas para áreas sem nenhum tipo de recurso e ficam à mercê de tudo. Muitos, em situação de não lugar, não se sentem pertencentes a nada, sem identidade. Os indígenas que resistem a todos esses obstáculos – uma minoria – e conseguem alcançar faculdades e conquistar voz ativa em meio às cidades, metrópoles e mídia, ainda assim sofrem preconceitos.”

Estudante 9: “como diz a música *Quem é você?* dos Detonautas, ‘a história é assim desde a colonização, a diferença é que hoje o colonizador é aplaudido num programa de televisão.’ Numa época de crescente retrocesso, está cada vez mais difícil o indígena ser reconhecido como um ser humano com seus direitos”.

Percebemos que havíamos estabelecido conexões entre o conteúdo e as representações que os alunos sobre a questão indígena, que ao externarem suas reações demonstravam inquietudes e novos olhares para as disciplinas envolvidas nas práticas interdisciplinares. Ficamos satisfeitos com os resultados, os objetivos iniciais foram atingidos e poderíamos “finalizar” o diálogo do café na sala dos professores. Entretanto, haveriam outros diálogos: o espetáculo Kuarup⁹ e a III Semana da Diversidade do Campus¹⁰, que de forma surpreendente mobilizariam outros saberes discentes¹¹.

⁹ Espetáculo Kuarup coreografia de Décio Otero e direção artística de Márika Gidali, é uma produção artística dançado cerca de 400 vezes, por diferentes gerações de bailarinos. Criado em 1977, retrata as danças do Alto Xingu e é uma importante manifestação da identidade dos povos indígenas da Região Norte. O espetáculo foi



Em 19 de Abril, com nossos esforços, levamos os alunos para o espetáculo Kuarup, estrelado pelo Ballet Stagium na cidade de São Paulo. No teatro, a Arte se fez por completa, os olhares atentos de alunos e professores indicavam a quebra da barreira entre o ensinar e aprender. Foi observando os rostos atentos de nossos alunos, calados, chocados, envolvidos que ouvimos um murmúrio "eu fiquei com medo no começo... os índios eram fortes!".

A fragmentação dos métodos de ensino tinha se rompido naquele murmúrio, o momento em que a identidade cultural indígena atingira o conceito de mundo dos estudantes de forma intensa e transformadora. Foi possível constatar a formação integral dos alunos, compreendendo as diferentes linguagens utilizadas na comunicação de informações, devolvendo-lhes a capacidade de refletir e pensar sobre a realidade.

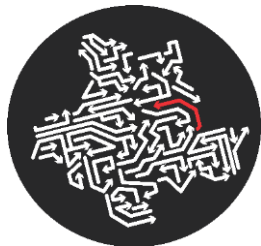
Após o espetáculo, caminhando pelas ruas do Largo do Paissandu até retornar ao ônibus que nos levaria de volta para a cidade de Bragança Paulista, havia um misto de surpresa e admiração pela cultura indígena. Alguém no grupo disse “hoje é 19 de Abril, dia do Índio, mas não era desse índio que a gente falava na escola antes...” então mais uma vez o dilema de cativar e trazer os alunos para o conteúdo específico de uma disciplina estava superado.

De acordo Cavalcanti (2010) o que presenciamos naquele momento foi o desenvolvimento da habilidade de lidar com linguagens “alternativas”, além da verbal, e outros gêneros de texto, além dos gêneros didáticos tradicionais, como o teatro, em uma abordagem interdisciplinar com articulação entre razão e sensibilidade, favorecendo o conhecimento conceitual e a comunicação dos alunos.

apresentado aos alunos em 19 de Abril de 2018 na Galeria Olido (São Paulo). Os ingressos foram cedidos à Professora Maria José pela Companhia Ballet Stagium e doados para 80 alunos do IFSP (BRA).

¹⁰ Semana da Diversidade é uma ação do Termo de Adesão do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO ao Acordo de Cooperação celebrado entre o Ministério da Justiça e Cidadania e o Ministério da Educação para a implementação do Pacto Nacional Universitário pela Promoção do Respeito à Diversidade e da Cultura de Paz e Direitos Humanos. No campus Bragança Paulista em 2018 terceira Semana da Diversidade com a temática: Multiculturalismo, diferença e democracia, foi organizada por Comissão de servidores, instituída na Portaria BRA 047/2018, com programação disponibilizada em <http://bra.ifsp.edu.br/ultimas-noticias>.

¹¹ Sobre a questão indígena destacaram-se as palestras de Ana Melo (05/06/18) sobre o protagonismo juvenil nas comunidades indígenas com a produção independente de vídeos sobre suas realidades e a palestra do Prof. Dr. José Gilberto de Souza (06/04/18) ao abordar as relações entre Estado e política nos territórios indígenas.



Considerações finais (fragmentos de resultados)

“que diabos está fazendo consigo mesmo e com os outros, a cada vez que se veste de mestre em uma sala de aula”?...KOHAN, 2003.

Com apoio da Filosofia, reportamo-nos à Kohan para indicar a grande inspiração para o desenvolvimento das práticas que aqui foram apresentadas. De fato, se pararmos para refletir sobre o quão significativo é o questionamento trazido pelo autor, estaremos indo de encontro à definição do objetivo central do trabalho docente.

O que de fato estamos fazendo conosco e com os alunos quando estamos praticando nossas ações? É possível desenvolver a integração de conhecimentos a partir de diferentes disciplinas? Sim, é possível. É possível fazer o saber docente que inclua o dinamismo dos múltiplos saberes apresentados nas diversas linguagens para que ocorra uma aprendizagem significativa.

Os resultados não podem ser apresentados de forma quantitativa e com o rigor formal das pesquisas que são utilizadas no campo da educação, mas com a inspiração inicial de não deixar no fundo de nossas memórias os sentidos latentes do cotidiano docente, propusemos (re)pensar a prática a partir do tratamento da Questão Indígena.

Como fragmento de resultado, reproduzimos mais um trecho de texto produzido por uma aluna: “...a luta dos atuais povos indígenas que vivem no Brasil. Este é um assunto delicado, o qual venho pensando desde uma aula interdisciplinar que tivemos no semestre. Nesta aula preparada por três professores do câmpus, misturando as artes e experiências próprias, a literatura e questões geográficas e políticas, foi nos apresentada uma realidade indígena extremamente difícil, a qual a grande maioria das pessoas não conhecem....”(Aluna do 1º ano Integrado EM)

Ele retrata o que de fato tem relevância no trabalho docente, com a significação dos conteúdos a partir do tratamento interdisciplinar (misturando), e sendo incorporado na construção do conhecimento (venho pensando desde a aula) no contexto de representações sociais distorcidas sobre a questão indígena, como bem destacou a jovem estudante (grande maioria das pessoas não conhecem).

Professores em geral (incluindo os de Geografia, Língua Portuguesa e Arte) sempre têm um desafio inicial para o desenvolvimento trabalho docente: o que priorizar, o que



ensinar, o que é mais relevante na seleção dos conteúdos? Certamente este foi o primeiro desafio, mas não o único. Quando refletimos sobre a prática docente levamos em conta o fato de que a seleção dos conteúdos não excluiu os outros aspectos da prática pedagógica tais como: de que forma, quais procedimentos e como deveriam ser trabalhados os conteúdos.

Compreendemos que selecionar e organizar os temas que seriam trabalhados, incluíram outras variáveis importantes como a relevância, a forma articulada e as relações que poderiam ser estabelecidas entre professores e alunos. Conforme destacou Libâneo (2009), elas não foram puramente cognitivas e racionais, porque de fato não poderiam ser pré-estabelecidas e garantidas pelos papéis que cada um deve cumprir no processo. O resultado desta interação foi grande motivador para escrever o presente relato, com o qual pretendemos ter contribuído para as reflexões acerca da interdisciplinaridade como estratégia de prática pedagógica no contexto do Ensino Médio.

Referências bibliográficas

- ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2016. v.2
- BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- CALLADO, Antonio. **Quarup**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- CÂNDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento - Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlen Antonio.; VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.
- HARTMANN, A; ZIMMERMANN, E. O trabalho interdisciplinar no Ensino Médio: a reapropriação das “duas culturas”. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 7, n. 2, 2007.
- KOHAN, Walter Omar. Três lições de filosofia da educação. **Educação & Sociedade**, v. 24, n. 82. Campinas, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. Docência Universitária: formação do pensamento teórico científico e atuação nos motivos dos alunos. In: D’AVILA, Cristina. **Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo**. Curitiba: CRV, 2009.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NASCIMENTO. Maria José de Oliveira. **O Corpo na ponta do lápis, abrindo janelas: o ensino de arte no palco da vida**. São Carlos, SP: Pedro & João editores, 2015.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo: a atividade como princípio educativo**. 3ª ed. São Paulo: Libertad, 2011.